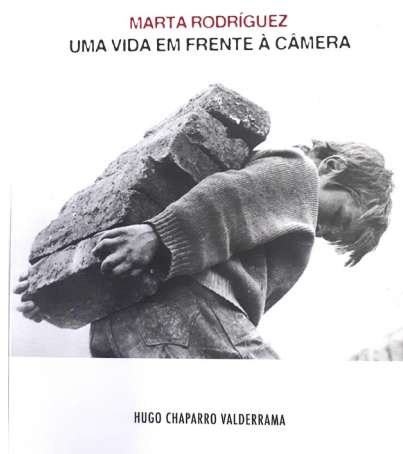


Marta Rodríguez: uma vida em frente à câmera

Fabián Núñez*



Hugo Chaparro Valderrama. *Marta Rodríguez: uma vida em frente à câmera*. Tradução Sávio Leite. Belo Horizonte: Pimenta Filmes e Edições, 2025. ISBN 978-65-990882-2-3.

Nos últimos anos, têm sido realizados de forma sistematizada estudos referentes a cineastas mulheres na história do cinema. Trata-se, inicialmente, de um esforço mais do que meritório de reparação histórica ao dar visibilidade a essas realizadoras que foram apagadas dos livros de história do cinema. No entanto, para além desse gesto primordial, encontramos hoje a relevante contribuição dos estudos de gênero e do feminismo na análise de filmes e também na reflexão sobre o lugar das mulheres na história do cinema. Assim, busca-se compreender como, diante de uma determinada conjuntura histórica de condições de trabalho e de atribuição de tarefas, conforme uma estrutura machista, certas mulheres, a partir de sua condição de classe e de raça, puderam – ou não – fazer filmes e o quanto as suas obras circularam – ou não – em seu momento. Esse tipo de leitura, felizmente, tem contribuído para lançar um novo olhar à história do cinema latino-americano, inclusive referente ao seu período mais célebre, o chamado *Nuevo Cine Latinoamericano* (NCL). Entre as várias pesquisadoras que se dedicam a esses estudos, destaco as investigações de Marina

* Universidade Federal Fluminense, Departamento de Cinema e Vídeo, Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual. 24210-201, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: fabnunez@gmail.com

Cavallanti Tedesco, que já em seu seminal artigo “*Nuevo Cine Latinoamericano: una análise do cânone a partir do gênero*” (2019), frisa que não se trata apenas de incluir os nomes das cineastas mulheres apagadas na história, mas de repensar os procedimentos teórico-metodológicos na escrita historiográfica, ao buscar também compreender como o gênero, no seio de um período temporal, delimita as possibilidades do trabalho artístico nos processos de criação e circulação dos filmes realizados por essas mulheres. É seguindo por essa trilha teórico-analítica que Tedesco tem se debruçado sobre a obra de cineastas mulheres vinculadas ao NCL. É justamente o caso de Marta Rodríguez, que, dentre todas as realizadoras associadas ao NCL, é a mais incluída no cânone. Porém, apesar disso, jamais tinha tido, até então, um livro integralmente dedicado à documentarista colombiana no Brasil (pelo que eu saiba).

É nesse estado da arte dos estudos de cinema que o livro *Marta Rodríguez: uma vida em frente à câmera* chega ao Brasil. Originalmente publicado em 2015 pela Secretaria de Cultura, Recreação e Esporte da Prefeitura de Bogotá, a edição original é rica em fotografias do acervo pessoal da documentarista. Seu autor, Hugo Chaparro Valderrama, é escritor, jornalista, pesquisador e crítico de cinema que, em um texto fluido, traça a biografia da cineasta, enriquecida com trechos de entrevistas em periódicos da época, assim como argutas análises dos filmes. Desse modo, conhecemos as vicissitudes, os êxitos e as tragédias pessoais de Marta Rodríguez, como a perda da sua filha Margarita, aos 33 anos, e de seu companheiro de vida e de obra, o fotógrafo Jorge Silva, aos 41. Chaparro Valderrama indica o quanto a morte está presente em sua obra documental, ao retratar a Colômbia, um país atravessado pela violência. No entanto, mobilizada por sua integridade política e honestidade ideológica, Marta Rodríguez, em seu compromisso com o real como documentarista, não abre mão da dimensão poética, lição dada a ela, como frisa Chaparro Valderrama, por Jorge Silva. Um cinema político jamais pode se esquecer da poesia. Assim, a documentarista, munida pelas Ciências Sociais e formada pelos seus mestres Camilo Torres e Jean Rouch, criou uma obra de grande fôlego e extremamente singular no cinema latino-americano.

Destaco também a minuciosa abordagem de Chaparro Valderrama da singular produção de *Chircales* (1967-1972), um marco na história do documentário latino-americano. Do mesmo modo, a análise de como o luto de Marta pela morte de seu companheiro Jorge Silva se juntou ao pesar da “tragédia de Armero”, após a erupção do vulcão Nevado del Ruiz, que soterrou mais de vinte mil moradores da região, tema de seu documentário *Nacer de nuevo* (1987), seu primeiro filme solo após a morte de Silva. Ao retratar dois sobreviventes que perderam tudo no desastre natural, Marta se depara com María Eugenia Vargas, uma mulher com mais de 70 anos e com sua intensa vontade de viver frente a um desolador cenário de destruição e morte. Outro trecho a sublinhar no livro é o encontro de Marta com Fernando Restrepo Castañeda, cujo entusiasmo juvenil e admiração pela cineasta conseguiram tirá-la do luto e da tristeza, tornando-se parceiros de trabalho. Juntos codirigiram a trilogia de Urabá, formada pelos filmes *Nunca más* (1999-2001), *Una casa sola se vende* (2003-2004) e *Soraya, amor no es olvido* (1999-2005). Anos mais tarde, Fernando Restrepo Castañeda realizou o longa biográfico sobre Marta Rodríguez, intitulado

Transgresión (2015). Mais recentemente, os dois codirigiram o documentário experimental *Camilo Torres, el amor eficaz* (2022), que, por razões cronológicas, não é analisado no livro.

A edição brasileira do livro, em termos editoriais, é bastante mais modesta, mas possui um importante prefácio, que deseja que a obra de Marta Rodríguez seja uma inspiração para uma nova geração de cineastas mulheres. Além disso, possui uma filmografia atualizada da documentarista. Editado por meio de um financiamento coletivo, o livro possui algumas poucas e bem pontuais imagens. O projeto é mérito do pesquisador e professor Sávio Leite, que traduziu a obra e também assinou o citado prefácio. Estudioso e divulgador do cinema latino-americano, trata-se de uma nova iniciativa sua, que já tinha presenteado o leitor brasileiro ao editar o livro *Teoria e prática de um cinema junto ao povo*, de Jorge Sanjinés e do Grupo Ukamau, em 2018, também graças a um financiamento coletivo. Apesar da modéstia da edição brasileira, *Marta Rodríguez: uma vida em frente à câmera* de Hugo Chaparro Valderrama, no entanto, é bem cuidada e traz uma considerável contribuição ao leitor brasileiro – e lusofalante, por extensão – ao ser o primeiro livro publicado no Brasil inteiramente dedicado à cineasta colombiana. Salta aos olhos esse ineditismo, pois estamos simplesmente diante de uma das mais importantes documentaristas latino-americanas. Com mais de 90 anos de idade, Marta Rodríguez continua em atividade, o que é admirável, prosseguindo um projeto de cinema extremamente fiel a si mesma e inteiramente dedicado à memória e à denúncia das condições de vida de grupos sociais na Colômbia, que foram sistematicamente saqueados e submetidos a uma feroz violência, como povos indígenas e trabalhadores rurais e urbanos. Por outro lado, é estimulante a aparição do livro no atual contexto de pesquisas sobre cinema de mulheres, justamente por se tratar de cineasta mulher, por excelência, no cânone do NCL e, como boa parte das realizadoras militantes latino-americanas de sua geração, não se autodeclara feminista, por entender o feminismo como um movimento de mulheres brancas, burguesas e euro-estadunidenses. Esse tipo de tensionamento enriquece os debates da atual revisão historiográfica sob o viés dos estudos de gênero, para além de um simplório julgamento de uma suposta “postura *démodée*”.

Afirmo, tristemente, que boa parte dos estudantes dos cursos de Cinema pelo Brasil afora desconhece a obra de Marta Rodríguez. Isso é assustador, diante da sua contribuição ao documentário ao formular uma metodologia ímpar de produção fílmica e de procedimentos poético-narrativos. Afinal, podemos afirmar, sem titubear, que se trata de um importantíssimo nome não apenas na história do cinema latino-americano, mas na história do cinema *tout court*. Logo, cabe a nós, professores e pesquisadores de cinema, estimular o visionamento e os estudos da obra de Marta Rodríguez. Nesse sentido, a edição brasileira de *Marta Rodríguez: uma vida em frente à câmera* de Hugo Chaparro Valderrama é uma contribuição inestimável, não somente aos estudos do cinema latino-americano ou ao cinema de mulheres, mas aos estudos do cinema documentário.